

LITHOS E O CHAMADO DA CAVERNA

Lucas Eduardo Ramos Estrella Pereira

A voz, profunda e com um ligeiro sotaque germânico, corta o silêncio pesado da Pré-História. É a voz do Dr. Valerius Lithos.

— O tempo. Uma entidade fria, indiferente. Olhamos para estas paredes e contemplamos a fina película do ser humano sobre a eternidade do basalto. Há 32.000 anos, eles estavam aqui. E o que buscavam? O que ansiavam? O que os forçou a parar e contemplar o Vazio?

Entramos na Cripta de Anábase — ou, como a chama o Dr. Lithos, seu único e atormentado guardião: O Recinto da Ausência Paleolítica. Ele, um arqueólogo existencialista de óculos grossos e rosto marcado pela contemplação de eras, é a única pessoa autorizada a guiar-nos. A entrada é guardada por uma câmara de descontaminação que parece um portal para a esterilidade do futuro.

— Somos apenas três. Três entidades efêmeras que respiram o mesmo ar denso que nossos ancestrais respiraram. É um privilégio esmagador — não pelo que vemos, mas pelo que não podemos compreender.

A arte, a razão de nossa jornada, não é a representação de caçadas ou animais majestosos, mas sim as estênceis de mão negativa.

O Dr. Lithos aponta para uma reentrância iluminada por um feixe de luz de fibra óptica fria.

— Aqui — geme ele, a mão pairando como um espectro — vemos a primeira grande questão metafísica da humanidade: o Friso dos Nove Dedos, datado de 31.500 a.C. Observe a clareza angustiante com que o pigmento mineral delineou o contorno das mãos. E, contudo, em 74% dos casos, a falange distal do dedo mínimo está ausente — não cortada, não oculta pela dobra. Mas deliberadamente não representada. Isto não é arte: é um manifesto sobre a perda.

O Dr. Lithos move-se com a lentidão cerimonial de alguém que transporta o peso de todas as eras.

— O que é este Vazio Digital? — perguntou ele, parando diante de uma parede inteira de mãos estampadas. — É um ritual de sacrifício? Uma doença genética? Ou — o que me consome a alma durante as noites geladas — é a prova de que o homem primitivo ansiava pela incompletude? De que ele compreendeu a beleza da imperfeição antes de nós?

Aponta então para uma única estêncil, quase imperceptível.

— E ali: a aberração. O Dedo Completo. A anomalia que desfaz a teoria. O Mestre da Mão, a quem chamamos Krell, o Obsessivo, retratou esta mão com dez falanges perfeitas. Por quê? Por que essa ruptura na sintaxe da ausência?

Sua voz sobe, ligeiramente histórica, mas contida pelo sotaque.

— É isso o que nos separa da bestialidade: o desenho de um dedo. Um apêndice irrelevante. Mas Krell não estava desenhando uma mão — estava desenhando a memória do que era ter um dedo completo num mundo onde o ritual ou o medo o exigiam incompleto. O Dedo Completo não é um erro; é um grito de nostalgia de 32 milênios!

Desaba então — não de cansaço físico, mas de exaustão diante do paradoxo da representação — no chão esterilizado da cripta.

— Estudei a pigmentação. Estudei a acústica desta câmara, onde o silêncio é uma arma. Estudei a própria topologia do medo! E tudo o que encontro é a prova de que, mesmo no momento inaugural da consciência

humana, nosso único propósito era a obsessão com o que nos faltava. A falange perdida. A eterna busca pela falange!

O Dr. Lithos sai da cripta para a luz cruel do sol, mais velho e mais triste. O sol bate no vidro de seus óculos.

— Muitas vezes penso, se o único propósito desta arte não era ser uma armadilha para os futuros. Se Krell nos olhasse agora, veria nossa neurose moderna, nossas pequenas compulsões tecnológicas... e apenas sorriria. Pois tudo, no fim, é apenas a ausência de algo que deveríamos ter. A falta do décimo dedo. O Vazio Digital.

Pega então seu almoço dentro de uma caixa térmica: uma maçã, que morde lentamente, os olhos fixos num ponto distante.

— A beleza é fugaz. A geologia é eterna. E, no fim, a única certeza é que a humanidade — desde a primeira caverna até a última estrela — passará toda a sua existência obcecada pela única pequena parte que decidiu não desenhar. E é por esta razão que o tempo, essa entidade fria, jamais cessará de rir.

Ergue o dedo mínimo, inspecionando a falange distal.

— Esta falange... é nossa Cripta de Anábase. A prova tangível de um destino que é, ao mesmo tempo, irrelevante e universal. Que terrível destino para o ser humano. Que terrível destino.